

O algodão na região do compartimento da Borborema após o aparecimento do bicudo-do-algodoeiro¹

Robério Ferreira dos Santos²

Maria Auxiliadora Lemos Barros³

RESUMO - A preocupação com a drástica redução da área cultivada do algodão na região do Compartimento da Borborema levou o presente estudo a procurar identificar as causas determinantes da crise da cotonicultura e a avaliar as perspectivas de soerguimento do algodão na região. Para isto, foram realizadas entrevistas com produtores de algodão e técnicos da EMATER-PB, representantes políticos e outros líderes de cada município estudado, de modo a incluir um caráter de generalidade às informações. Constatou-se que o bicudo-do-algodoeiro aumentou a fragilidade do sistema de produção tradicional e acelerou o processo de empobrecimento do pequeno cotonicultor da região.

Termos para indexação: sistema de produção tradicional, pequeno cotonicultor, problema social, mudança técnica.

COTTON IN THE "COMPARTIMENTO DA BORBOREMA" REGION AFTER THE BOLL WEEVIL'S APPEARENCE

ABSTRACT - The preoccupation with the drastic cotton cultivated area reduction in the **Compartimento da Borborema** region has carried out this paper to search for the

¹ Recebido em 19 de agosto de 1988.

Aceito para publicação em 09 de novembro de 1988.

² Economista, Doutor em Economia, pesquisador da EMBRAPA/CNPA.

³ Economista, Mestre em Economia, pesquisadora da EMBRAPA/CNPA, CP 174, CEP 58.100 Campina Grande, PB.

determining causes of the cotton crisis and to value the perspectives of the cotton raising in the region. Several interviews were made with cotton farmers and rural aid agents, politicians and other leaders in each studied county, with the ultimate objective of giving a general feature to the informations. It was found out that boll weevil increased the weakness of the traditional rural production and it raised the impoverishment of the region's small farmers.

Index terms: traditional rural production system, small cotton farmer, social problem, technical change.

INTRODUÇÃO

O Compartimento da Borborema paraibano é composto de 57 municípios, divididos em cinco microrregiões: o Agreste da Borborema, com doze municípios; o Brejo Paraibano, com nove; os Cariris Velhos, com vinte e dois; o Curimataú, com sete; e o Seridó Paraibano, também com sete municípios.

Ocupa uma área de 24 mil km², que corresponde a 43% da área do estado da Paraíba. Sua população era de 1.014.000 habitantes em 1980, sendo 519.000 habitantes na zona urbana e 495.000 na zona rural (Campina Grande 1987). Predominam, na região, em número de estabelecimentos agrícolas, os de menos de 10 ha, que representam 92,2% do total de estabelecimentos existentes. Os estabelecimentos com mais de 10 ha e com menos de 50 ha representam 6,7% do total, e os de mais de 50 ha representam apenas 1,1% (Campina Grande 1987).

Dentre as principais atividades agrícolas do Compartimento da Borborema, destaca-se a cultura do algodão, por constituir uma das mais significantes fontes de receita da maioria dos municípios aí inseridos.

Apesar de o algodão ser o principal suporte sócio-econômico da região em estudo, sua produção vem sofrendo perdas consideráveis nos últimos anos, em virtude do longo período de seca. Com o estabelecimento do bicudo (*Anthonomus grandis* Boheman), esta situação se torna ainda mais crítica, visto que antes do surgimento do bicudo era esta região uma das principais produtoras de algodão na Paraíba, contribuindo com 32% do algodão produzido no Estado em 1980. A partir da safra 1984/85, a área com a cultura começou a ser reduzida, a ponto de praticamente se extinguir.

A drástica redução do algodão no Compartimento da Borborema levou o presente estudo a procurar identificar as causas determinantes da crise da cotonicultura e a avaliar as perspectivas de soerguimento do algodão na região.

MATERIAL E MÉTODOS

Foram realizadas entrevistas com produtores de algodão e com técnicos da EMATER, representantes políticos e outros líderes de cada município, de modo a dar um caráter de generalidade às informações, permitindo que os resultados obtidos pudessem servir de apoio para elaboração de programas tendo como objetivo a expansão da cultura algodoeira nos municípios estudados.

Para aplicação dos questionários, foram selecionados os principais municípios produtores de algodão no Compartimento da Borborema em 1980, segundo dados do Censo Agropecuário da Fundação (FIBGE), para este mesmo ano: Juazeirinho, Pocinhos, Soledade, Queimadas, Boqueirão, Solânea, Pedra Lavrada, Cubati, Camalaú, Monteiro, Sumé, Livramento, São José dos Cordeiros, Umbuzeiro, Tacima, Serra Branca, São João do Cariri, Gurjão, Esperança, Fagundes, Picuí e Barra de Santa Rosa. Estes municípios foram responsáveis, segundo dados da FIBGE, por 64% da área colhida e 60% do algodão produzido em 1980, no Compartimento da Borborema.

Dois tipos de questionários foram elaborados, dos quais um para ser aplicado com o produtor, e outro, com as instituições oficiais de cada município visitado. As principais instituições visitadas foram: EMATER, Banco do Brasil, Prefeitura Municipal, sindicatos dos Trabalhadores Rurais e Cooperativas de Produtores. Foram entrevistados 42 produtores de algodão e aplicados 90 questionários com técnicos das instituições acima mencionadas. Os produtores entrevistados foram escolhidos aleatoriamente, com a ajuda das instituições contatadas.

As indagações incluídas nos questionários tiveram o objetivo de captar a situação da cotonicultura em cada município, no que se refere à redução de área plantada e à produção; divulgação de inovações técnicas geradas pela pesquisa; situação do produtor que deixou de plantar algodão; tipo de técnica usada pelos produtores que continuam plantando algodão, principalmente no que se refere ao combate da praga do bicudo-do-algodoeiro, e conhecimento de cultura alternativa para o algodão.

Os dados obtidos dos produtores e técnicos das instituições entrevistadas foram analisados tendo em vista o fornecimento de informações que caracterizassem a situação da cotonicultura nos municípios estudados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando o período 1973/74 a 1986/87, a área colhida com algodão no Nordeste do Brasil atingiu seu pico no ano agrícola 1976/77 (Tabela 1). Sua trajetória tem sido descendente a partir de então, alcançando, em 1986/87, o nível de 1,03 milhão de hectares, cerca de 32% da área de 1976/77. Pode-se verificar, na Tabela 1, que o decréscimo na área colhida de algodão arbóreo é iniciado também em 1977/78, chegando a 696 mil hectares no ano agrícola 1986/87, cerca de 27% da área de 1976/77. Já a área colhida com algodão herbáceo mostra-se bastante instável no período, chegando mesmo a ser maior que aquela colhida em 1973/74, nos anos agrícolas de 1983/84 a 1985/86. Como foi exatamente nesse período que se iniciou a propagação do bicudo-do-algodoeiro, pode-se verificar que ela aumentou, mesmo com o aparecimento desta praga. Deve-se, no entanto, observar que seu aumento nesses dois anos é explicado pelas condições climáticas favoráveis e pelos altos preços internacionais de 1983. Este aumento contribuiu para mascarar os efeitos nocivos da praga do bicudo. O mesmo não se pode afirmar quanto ao algodão arbóreo, que começou a ter área reduzida antes da seca de 1979/1983. A redução continuou a se acentuar durante o período seco, prolongando-se com a propagação do bicudo.

Na Paraíba, estado onde se localiza a região estudada neste trabalho, pode-se observar, na Tabela 2, que a maior área com algodão arbóreo ocorreu também em 1976/77, mantendo-se, nos quatro anos agrícolas seguintes, em torno dos 465 mil hectares. Nos dois últimos anos do período seco de 1979/1983, ela se reduziu, continuando a cair durante o período de propagação do bicudo. Em 1986/87, ela atingiu 19% daquela de 1976/77. A área colhida com algodão herbáceo, a exemplo da região Nordeste, teve tendência ascendente nos anos agrícolas 1983/84 e 1984/85. Na safra 1986/87, ocorreu uma redução bastante significativa, alcançando cerca de 7% da maior área colhida no período em estudo, aquela do ano agrícola de 1980/81.

As reduções da área colhida e da produção do algodão no Nordeste e na Paraíba precisam ser analisadas. Inicialmente, devem-se observar as colunas de rendimento médio das Tabelas 1 e 2. Para o caso do algodão herbáceo, tanto no Nordeste como na Paraíba, dos 14 anos estudados, em 11 ele foi inferior a 400 kg/ha. No algodão arbóreo, ele foi inferior a 150 kg/ha em oito anos no Nordeste, e em dez anos na Paraíba. O sistema tra-

dicional de produção tem, pois, que ser responsabilizado por boa parte desses baixos rendimentos médios obtidos historicamente. No caso do algodão arbóreo, deve-se considerar o fato de que a inclusão de algodoeiros com mais de cinco anos (capoeiras abandonadas), na sua mensuração, contribuiu para torná-los ainda mais baixos.

Andrade (1980) destaca que uma das vantagens do algodão foi sempre a de “partilhar com uma cultura de subsistência a terra que ocupava, permitindo ao pequeno agricultor produzir, em uma mesma área, com um só trabalho de preparação de terra e de limpeza das culturas, o alimento e o produto comercial”. Outra grande vantagem destacada por Andrade (1980) é que, “após a colheita, feita no período mais seco do ano, podiam, a rama do algodoeiro e a palha do milho, servir de alimento ao gado, que era posto a pastar por dois ou três meses na área em que fora cultivado, justamente nos meses secos do ano, quando o gado não dispunha de pastagem no campo. Esta vantagem viria animar os grandes proprietários da região, sempre criadores de gado, uma vez que aumentariam seus lucros sem abandonar mas, ao contrário, melhorando sempre a sua atividade econômica tradicional”. Esse tipo de sistema de produção tem por características a utilização da terra e da mão-de-obra em grande escala, sendo poupador de insumos, como fertilizantes, defensivos, herbicidas.

Este sistema de produção, utilizado tradicionalmente, é, pois, devido às suas características, avesso ao uso de inovações. A propagação do bicudo-do-algodoeiro constitui uma espécie de “choque exógeno”, que contribuiu para acelerar a crise que já reinava neste sistema de produção. Para a convivência com esta praga, torna-se necessário o uso de tecnologia apropriada, destacando-se o uso de cultivares precoces, espaçamentos apropriados e o uso de defensivos, cujo número de aplicações pode ser minimizado pelo controle integrado de pragas, mas que, comparando-se às práticas tradicionais utilizadas, implica aumento nos custos de produção. Só para se ter uma idéia, pode-se utilizar estimativas dos setores de economia e difusão de tecnologia do CNPA, para abril de 1988, de um hectare de algodão herbáceo produzido de acordo com as recomendações da pesquisa.

O custo variável de produção foi estimado em 47,3 OTNs, que implicava cerca de Cz\$ 45.000,00. Como o preço, em Patos, de um quilo de algodão herbáceo em caroço estava, neste mesmo mês, em Cz\$ 50,00, o produtor precisava de um rendimento médio mínimo de 900 kg/ha, para cobrir seus custos variáveis. No caso do algodoeiro arbóreo, o custo variável de um hectare, produzido segundo as recomendações da pesquisa, no pri-

TABELA 1. Área de produção de rendimento de algodão em caroço (herbáceo e arbóreo) no nordeste do Brasil no período de 1973/74 a 1986/87.

Ano agrícola	Área (1.000 ha)			Produção em caroço (1.000 t)			Rendimento (kg/ha)	
	Herbáceo	Arbóreo	Total	Herbáceo	Arbóreo	Total	Herbáceo	Arbóreo
1973/74	809,08	2.118,80	2.927,80	268,94	460,22	728,26	331	217
1974/75	672,18	2.329,50	3.001,68	224,32	418,07	642,39	333	179
1975/76	490,00	2.343,40	2.833,40	142,56	357,30	499,86	291	152
1976/77	684,91	2.562,19	3.247,10	234,13	435,24	669,37	341	169
1977/78	600,95	2.479,92	3.097,87	228,94	461,75	690,69	380	186
1978/79	521,46	2.359,95	2.881,41	170,07	281,10	451,17	326	119
1979/80	558,76	2.346,03	2.904,79	147,43	236,53	383,96	263	100
1980/81	575,85	2.114,36	2.690,21	154,78	189,09	343,87	268	89
1981/82	683,95	1.975,92	2.659,90	203,75	233,32	437,07	297	118
1982/83	420,03	1.579,26	1.999,29	102,44	77,30	179,74	243	48
1983/84	887,55	1.440,68	2.328,23	517,51	270,59	788,10	583	187
1984/85	1.012,66	1.337,79	2.350,45	452,82	188,10	642,92	449	140
1985/86	955,56	1.163,88	2.119,44	388,12	85,60	473,72	406	73
1986/87*	337,79	696,06	1.033,85	127,07	60,48	187,55	376	86

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil, 1977/86. Elaborada pelo Banco de Dados do Setor de Economia da EMBRAPA/CNPA.

* - Dados sujeitos a retificação.

TABELA 2. Área de produção de rendimento de algodão em caroço (herbáceo e arbóreo) no estado da Paraíba no período de 1973/74 a 1986/87.

Ano agrícola	Área (1.000 ha)			Produção em caroço (1.000 t)			Rendimento (kg/ha)	
	Herbáceo	Arbóreo	Total	Herbáceo	Arbóreo	Total	Herbáceo	Arbóreo
1973/74	134,11	403,74	537,85	51,66	72,22	123,88	385	178
1974/75	130,05	450,30	580,35	42,62	65,04	107,66	328	144
1975/76	114,20	519,22	633,42	30,23	53,80	84,03	265	103
1976/77	110,58	556,14	666,72	34,16	89,37	123,53	308	160
1977/78	106,01	460,02	566,03	42,93	77,26	120,19	404	167
1978/79	132,65	467,29	599,94	65,96	49,03	114,99	497	104
1979/80	171,52	466,11	637,63	33,80	40,65	74,53	197	87
1980/81	202,40	477,84	680,24	25,46	32,36	57,82	125	67
1981/82	176,39	338,65	515,04	28,39	23,52	51,91	160	69
1982/83	138,87	402,85	541,72	13,22	8,68	21,90	95	21
1983/84	168,85	335,61	504,46	109,17	58,30	167,47	646	173
1984/85	193,99	285,59	479,58	52,47	26,75	79,22	270	93
1985/86	103,85	220,97	324,82	12,22	14,65	26,87	117	66
1986/87*	13,35	107,50	120,85	2,42	8,78	11,20	181	82

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil, 1977/86. Elaborada pelo Banco de Dados do Setor de Economia da EMBRAPA/CNPA.

* – Dados sujeitos a retificação.

meiro ano, estava estimado em 37,6 OTNs em abril de 1988, que implicava Cz\$ 35.750,00. Pelo fato de o preço de um quilo de algodão arbóreo em caroço, em Patos, em abril de 1988, ser de Cz\$ 65,00, torna-se necessário um rendimento médio mínimo de 550 kg/ha, para cobrir estes custos variáveis.

Em virtude da série histórica de rendimentos médios das Tabelas 1 e 2, fica claro que, para o produtor, os limites mínimos de rendimentos médios necessários para cobrir os custos variáveis não são fáceis de obter. Como a experiência dos Estados Unidos ensina que o bicudo se propaga e não mais desaparece, obrigando ao uso de técnicas de convivência entre ele e a lavoura do algodão, deve-se esperar que no Nordeste brasileiro, o sistema de produção que vigorou até recentemente ceda lugar a novos sistemas, onde passe a predominar o uso de técnicas modernas.

No levantamento realizado no Compartimento da Borborema, para a elaboração deste trabalho, entre os meses de setembro e outubro de 1987, foi constatado que ocorreu, em 1986, uma redução, na área e produção do algodão, de cerca de 80%. Há estimativas de que a área plantada tenha decrescido uns 90% em 1987, apesar de ser esperada uma produção um pouco maior que a obtida em 1986, já que quem não erradicou completamente o algodão arbóreo está obtendo produção, pois os danos causados pelo bicudo estão sendo avaliados como muito baixos. Em 1986, o ataque do bicudo foi muito severo na região estudada.

Não se pretendeu, neste trabalho, que os dados levantados junto aos produtores de algodão entrevistados fossem representativos da região como um todo. No entanto, as informações obtidas junto aos técnicos das instituições visitadas mostram que os resultados obtidos com esses dados direcionam para uma situação da cotonicultura não diferente daquela que predomina para a região do Compartimento da Borborema como um todo. Um sumário das informações obtidas junto aos produtores está incluído no Anexo 1. Dentre estas, pode-se destacar que 64% dos produtores entrevistados não combatem as pragas, 83% não conhecem técnica de produção diferente daquelas que normalmente utiliza, e todos os produtores entrevistados não conhecem outro produto que ofereça rentabilidade econômica, pelo menos igual àquela oferecida pelo algodão.

Dentre os motivos por que a maioria dos produtores não combate as pragas, o consenso entre os produtores e entrevistados das instituições é de que a falta de dinheiro é o principal deles. O círculo vicioso aqui fica fechado. Devido aos baixos rendimentos médios obtidos na produção de algodão,

os produtores não têm dinheiro para comprar inseticidas, o que vai provocar baixos rendimentos médios nos cultivos. O círculo vicioso poderia ser quebrado com a elevação da oferta de crédito rural, mas este não estava disponível para os produtores, porque os bancos não estavam emprestando dinheiro para produção de algodão, em face da propagação do bicudo. Um segundo motivo, em ordem de importância, é a falta de conhecimento, pela maioria dos produtores, do tipo de inseticida para combater o bicudo. Os que combatem pragas afirmam utilizar Folidol e Endrex, usando, segundo técnicos da EMATER, subdosagens, o que pode levar a uma resistência da praga em gerações futuras.

Sobre o não-conhecimento de técnicas de cultivo diferentes das geralmente utilizadas, o principal motivo captado nas entrevistas é de ordem cultural. A maioria dos produtores, principalmente das pequenas propriedades, está bastante apegada à prática tradicional de cultivo, não chegando nem a procurar informações sobre o que poderia existir de novidade no meio técnico, como EMATER, Cooperativas. A isto se pode acrescentar a crise em que vive a EMATER na Paraíba, chegando mesmo, em vários municípios, a não ter, disponível, meio de transporte para locomoção dos seus técnicos.

O segundo motivo, em ordem de importância, é a não-disponibilidade, no campo, de alguns insumos necessários para a adoção de técnicas de combate ao bicudo, tendo sido destacadas as sementes selecionadas mais freqüentemente; isto ocorre apesar de os municípios do Compartimento da Borborema estarem relativamente próximos a Campina Grande, onde o CNPA dispõe de cultivares precoces de algodão ideais para o convívio com o bicudo-do-algodoeiro; no entanto, as sementes básicas não estão sendo devidamente multiplicadas pelos órgãos competentes. A maioria dos produtores entrevistados afirmou comprar sementes nas feiras locais dos municípios, ou seja, ainda compra caroço de algodão para o plantio.

O desconhecimento manifestado por todos os produtores entrevistados, e confirmado pelos entrevistados das instituições consultadas, de outra cultura que pudesse substituir o algodão, em termos de fornecimento de renda, vem confirmar a importância que o algodão desempenha na economia da região do Compartimento da Borborema. Na medida em que esta cultura deixou, praticamente, de existir não pode ser outro o resultado, que não seja a extrema miséria em que se encontra boa parte dos produtores.

Os pequenos produtores substituíram o algodão com o aumento da área cultivada com o milho e feijão, que era, antes, plantada em consórcio com o algodão; isto significa que o milho e o feijão passam a ser, também, produtos comerciais para eles, além de manter suas funções de produtos de subsistência .

Como estes produtos são de grande instabilidade de preços, não constituem renda certa para estes produtores, função que era desempenhada pelo algodão (Moreira et al. 1983). Os grandes produtores vêm substituindo o algodão pela criação de animais – no caso, de gado –, ampliando suas atividades, alguns plantando sisal que, segundo as informações recebidas, não é uma boa alternativa em termos econômicos, já que a maior parte da renda gerada fica com os maquinistas; outros, principalmente nas regiões do Brejo, começam a se interessar pela plantação de árvores frutíferas, como o caju e a graviola. Esta é a situação, descrita pelos entrevistados, dos produtores que deixaram de plantar algodão. Segundo eles, a maioria desses produtores continua no campo, principalmente os que são proprietários de terras.

Em 1987, devido à seca que assolava boa parte do Compartimento da Borborema, a situação está muito grave, principalmente para aqueles que dependem, agora exclusivamente, do milho e do feijão. Nada mais lhes resta que se alistarem nas frentes de emergência; os que não conseguem alistamento, procuram encontrar atividades nas cidades maiores, geralmente engrossando as filas dos desempregados.

Um fato constatado nas visitas aos municípios estudados é a ausência de jovens. A migração destes para os centros urbanos maiores, principalmente para o Rio de Janeiro e São Paulo, onde vão procurar trabalho na construção civil, reiniciou-se, de acordo com os informantes, na seca de 1979/83, continuando com a propagação do bicudo e se acelerando com a seca de 1987. Este ponto é bastante preocupante, principalmente para qualquer programa que se crie para estimular a produção de algodão, já que um programa desse tipo deverá basear-se em políticas que aceleram a adoção de tecnologias que dependem, em grande parte, para obtenção do êxito, do engajamento de produtores rurais mais jovens e inovadores.

CONCLUSÕES

1. O bicudo-do-algodoeiro aumentou a fragilidade do sistema de produção tradicional e acelerou o processo de empobrecimento do pequeno cotonicultor da região do Compartimento da Borborema, chegando, em muitos casos, principalmente entre os não proprietários, a expulsá-los da atividade agrícola.

2. A produção de algodão no Compartimento da Borborema foi praticamente extinta a partir de 1986.

3. Dos produtores de algodão entrevistados, 64% não combatem as pragas, 83% não conhecem técnica de produção diferente daquelas que normalmente utilizam, e todos afirmaram não conhecer outro produto que substitua, economicamente, o algodão.

4. Entre os motivos que justificam a utilização de técnicas tradicionais na produção do algodão no Compartimento da Borborema, destacam-se a falta de dinheiro e de um nível de educação que permita aos produtores se livrarem da prática de produção que está arraigada pelos seus níveis culturais; a dificuldade de obter informações de como utilizar as novas técnicas de produção, e a não-disponibilidade de alguns insumos necessários para aplicação dessas técnicas, como a semente selecionada.

5. A maioria dos produtores que deixaram de plantar algodão, principalmente os proprietários, continuam no campo. O milho e feijão, devido às suas instabilidades de preço, não constituem renda certa para os pequenos proprietários. E os grandes, criando gado, alguns produzindo sisal e outros começando a plantar árvores frutíferas. É preocupante a migração dos jovens, que voltou a se acelerar com a seca de 1987.

RECOMENDAÇÕES

A presença do bicudo-do-algodoeiro no campo é irreversível, como salientado no trabalho. O sistema de produção tradicional do algodão tende ao completo desaparecimento. Já estão disponíveis técnicas de produção de convivência entre o bicudo e o algodão. Torna-se necessário aumentar a divulgação de tais técnicas, através não só do incremento do número de campos de demonstração mas também com uma utilização mais maciça dos

meios de comunicação existentes, principalmente dos programas de rádio. A participação neste processo de difusão de tecnologia não deve caber apenas aos órgãos de pesquisa, devendo ser também participação importante das Secretarias de Agricultura, das Prefeituras, das Cooperativas, dos Sindicatos e da própria iniciativa privada (maquinistas e indústria têxtil).

Neste processo de mudança na produção do algodão no Nordeste, é bastante claro que ocorrerá um processo de seleção na classe dos cotonicultores. Aqueles que tiverem maior espírito inovador sobreviverão. Este fato não pode impedir que programas de modernização da cotonicultura nordestina sejam implementados. As autoridades governamentais devem estar conscientes de que o grande problema social, criado com a propagação do bicudo, não encontrará solução nesses programas. Toma-se urgente que o problema seja encarado com seriedade e como de caráter eminentemente social e que soluções urgentes sejam buscadas.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à Bolsa de Mercadorias da Paraíba, o financiamento do levantamento de campo. As idéias emitidas não espelham necessariamente as posições dessa instituição ou da EMBRAPA. Também agradecem as sugestões de um parecerista anônimo.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M.C. de. **A terra e o homem no Nordeste**. São Paulo, s.ed., 1980. 239p.
- ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL. Rio de Janeiro, IBGE, 1977/1986.
- CAMPINA GRANDE. Secretaria de Agricultura e Abastecimento. Campina Grande, 1987.
- MOREIRA, J. de A.N.; DEMOSTENES, M.P.A.; VIEIRA, D.J.; NOBREGA, L.B.; BELTRÃO, N.E.M.; PIMENTEL, C.R.M.; BARREIRO NETO, M. **Reflexões e alternativas de modernização do sistema algodão mocó/milho + feijão/pecuária da região semi-árida do Nordeste brasileiro**. Campina Grande, EMBRAPA/CNPA, 1983. 57p. (Documentos, 20)

ANEXO I

Informações obtidas com produtores

Número de produtores entrevistados: 42

Condições do produto: 81% proprietários;
19% parceiros.

Área média das propriedades: 44 ha.

Tipo de algodão cultivado: 79% algodão arbóreo;
21% algodão herbáceo.

Combate de pragas: 74% não combatem as pragas

Técnica de produção:

- 83% não conhecem técnica de produção diferente da utilizada normalmente;
- 60% nunca receberam visita de técnico da EMATER;
- 79% não são sócios de cooperativas;
- 83% dizem escutar programas de rádio sobre agricultura.

Culturas alternativas:

- Todos os produtores disseram não conhecer outro produto que ofereça rentabilidade econômica igual à do algodão;
- 33% afirmaram que milho, feijão, mamona e sisal podem substituir, de alguma maneira, o algodão.

Situação atual do algodão:

- Todos afirmam ter acabado o cultivo do algodão nos seus municípios;
- 86% deles acreditam que a maioria dos produtores continuam no campo, dedicando-se ao plantio de milho e feijão, alistados nas

- frentes de emergência, empregados nas propriedades maiores, que se dedicam ao gado, e algumas, ao sisal. Migração maior é dos jovens, que vão para as grandes cidades trabalhar na construção civil;
- Maior parte dos produtores afirmam que voltarão a plantar algodão em 1988, estimulados que estão pelos preços e pela pequena infestação do bicudo em 1987.